

EU QUERIA SER UM RATO !!

Por Sérgio Greif

Algumas coisas sobre as quais tomamos conhecimento durante nossas vidas nos fazem chegar a conclusões estranhas. Outro dia li na *Veja* (ano 32, número 23, 9 de Junho de 1999) uma reportagem completamente despropositada (dava para ver que eles estavam sem assunto). Daí cheguei ao pensamento aí do título: "Quero ser um rato!!!"; Pelo menos parecia o que a reportagem nos induzia a querer ser: Seu título era "Sua excelência, o rato: Clonagem de roedor macho mostra que a ciência não tem limite. Pelo menos para as cobaias"; em seu conteúdo, haviam muitas citações de o quanto a vida destes bichinhos foi beneficiada pelos avanços científicos. Por exemplo, você sabia que o câncer em ratos é tão fatal para eles quanto o resfriado para nós? É que existem drogas desenvolvidas para curá-los, mas as mesmas não funcionam em seres humanos. Curioso que a ciência se interesse na cura dos pobres animaizinhos, investindo bilhões apenas em seu bem estar. Já os seres humanos infelizmente não tem a mesma sorte, se desenvolverem câncer...já eram.

Os cientistas em sua incomensurável bondade também se preocuparam com os ratos que cometem excessos: Ratos não tem mais problemas com colesterol, podem abusar da gordura; é que um coquetel de vitaminas lhes garante a saúde. Se o coquetel funciona para seres humanos? ... Para que curar seres humanos? As pesquisas são sérias demais para se preocuparem com isso, o dinheiro do contribuinte não deve ser gasto com estas besteiras, basta que possa-se curar os ratos e tudo bem. Outros que se preocupem em curar seres humanos, não é a prioridade da ciência vigente. O Mal de Parkinson é outro exemplo de mal que, graças a Deus, já foi controlado nos bichinhos, assim como o Mal de Chagas, o nanismo e até a burrice, mas é crescente o número de pessoas ignorantes que vem querendo barrar o avanço da ciência, pedindo pelo fim das pesquisas em animais.

É óbvio que a ciência não pode parar (principalmente os cientistas que usam animais não podem deixar de ganhar seu salário, nem a indústria farmacêutica pode deixar de faturar vendendo seus remédios), então continuemos pesquisando em animais. E não me venham com aquele papo sem fundamentos de aplicar tudo em seres humanos; estes conhecimentos não servem para seres humanos, jamais serão aplicados, esqueça...*êta mania de se preocupar com gente, sô*. Estamos falando de pesquisa séria, como a que fez o cientista sueco que quebrou a espinha de um rato saudável, e após transplantar nervos de outras partes do corpo para o local, fez o rato voltar a andar...rato de sorte esse, hein? Mas nunca vi um ser humano com esta sorte. Ainda bem que os maiores males da humanidade como a obesidade e os problemas coronários já tem cura nos animais que não desenvolvem estas doenças naturalmente... impressionante.

E é por isso que devemos pregar a continuidade das pesquisas na área da saúde, exatamente da forma como estão, porque esta ciência produz resultados muito satisfatórios...em animais; e estes resultados levam a novas pesquisas (e novas bolsas de pesquisa), e é por isso que a ciência nunca pára.

Enquanto isso, seres humanos continuarão morrendo de câncer, problemas coronários e sofrendo de doenças como o Mal de Parkinson, Mal de Chagas, etc. Ops, mas o que estou fazendo? Será que me peguei no erro de criticar a ciência vigente? Que loucura é esta de questionar uma instituição tão bem estabelecida? Nadando contra a correnteza? Nada disso, só não vou praticar a idolatria de jamais questionar a religião que a ciência se tornou, e principalmente seus sacerdotes, os cientistas. E para fazer isto não vou dizer que conheço mais fisiologia, bioquímica ou parasitologia do que meus professores e colegas. Tudo o que uso como argumento está a nossa volta, é nossa realidade. Leio as mesmas coisas que todo mundo, as mesmas revistas e os mesmos jornais, mas leio tudo com outros olhos.

Vejo as principais mazelas da humanidade serem sucessivamente induzidas e curadas em animais experimentais, e vejo que as tentativas de aplicação desta cura no próprio ser humano são sempre falhas. Por que? Vamos desconsiderar a princípio as diferenças entre espécies. Se as leis de ética na experimentação com seres humanos não existissem e eu pegasse um ser humano saudável como cobaia para um experimento sobre, digamos, dor de cabeça. Eu poderia induzir-lhe uma dor de cabeça batendo-lhe com um martelo, e depois testaria alguns analgésicos para ver qual seria o mais efetivo. Não seria uma estupidez? Quem sofre de dores de cabeça não levou marteladas na cabeça, a dor é sintoma de um mal, não a causa; logo, a dor sentida pela martelada pode ser idêntica aos sintomas ocorrendo naturalmente, mas sua extinção não quer dizer a cura do mal. A única forma de obtermos uma cura efetiva seria descobrir, nas pessoas que sofrem naturalmente de dor de cabeça, o que ocasiona esta dor, e a partir daí, evitar-se este agente. E não há nada de anti-ético em tentar curar pessoas sofrendo de um mal já estabelecido. Não estaríamos induzindo uma doença para depois curar, apenas curando.

Alguém provaria um remédio para idosos em crianças? Ou provaria um remédio para menopausa em rapazes? Então porque seriam aceitáveis testes de remédios para idosos em ratos jovens ou velhos, e testes de remédio para mulheres em ratos machos? Por que continuar buscando a cura para a AIDS em animais que nem mesmo contraem a doença? E se o fizessem tanto faz, a mesma doença em animais diferentes se comporta de maneira diferente, não importa o quão semelhantes possam parecer seus sintomas. Não podemos extrapolar dados obtidos de experimentos nem dentro da mesma espécie, que dirá de espécies diferentes. Se olharmos com outros olhos veremos que mesmo nossos livros didáticos apontam que as pesquisas em animais não fornecem resultados confiáveis para a aplicação em seres humanos.

Efeito seguro para animais não significa efeito seguro para humanos. E a recusa de uma droga nos testes com animais não deve também significar recusa da droga para seres humanos. Os dados obtidos de animais não servem nem para dizer que tal droga é efetiva para seres humanos, nem que não o é; nem que ela é segura, nem que ela deixa de ser. Por quê? A resposta é óbvia, homens são homens, ratos são ratos. São todos mamíferos, é verdade, e por isso sabemos que tem muito em comum no funcionamento de seus sistemas, mas as diferenças, por menores que sejam são tão significativas que por vezes

produzem resultados antagônicos. A pesquisa em animais não só não beneficia seres humanos, como ainda os prejudica. Quem nunca ouviu falar da tragédia da talidomida? Em nenhum animal testado a droga surtiu efeitos prejudiciais, mas em seres humanos produziu uma legião de crianças com atrofia de membros. E olha que agora a droga voltou ao mercado. E quanto ao estilboestrol, a depo-provera, a isoprelina, o preludin e o maxiton, os barbitúricos, o pronap e o plaxin, a fenacetina, a amidopirina, a marzina, a reserpina, o metotrexato, o uretano, o mitotano, a ciclofosfamida, o cloranfenicol, a fenolftaleína, o bismuto e todas as desgraças produzidas pela indústria farmacêutica?

Porque um bicho parece mais frágil que um homem não quer dizer que o que é seguro para este animal é seguro para o homem; nem porque ele é menor que o homem quer dizer que a dose de uma determinada substância a ele administrada pode ser extrapolada para o homem com base nos pesos e tamanhos. Alguns exemplos: A amanita é inofensiva para coelhos, que são animais utilizados em pesquisa justamente por serem imunologicamente mais sensíveis do que os homens; então quer dizer que a amanita pode ser aplicada também em seres humanos, sem problema? Não, a amanita para seres humanos é mortal. Se dermos 100mg de escopolamina para um cão ou um gato, estes ainda assim continuam bem; 5 mg matariam um homem; O antiinflamatório fenilbutazona em cães e outros animais, mesmo quando fornecido em altas doses perde seus efeitos em pouco tempo, no homem leva de 100 a 150 vezes mais tempo para perder sua atividade.

Se antes de Adão haver bebido suco de laranja pela primeira vez ele tivesse testado os efeitos do ácido cítrico em gatos, a humanidade hoje não beberia este suco. Se o ácido prússico fosse testado em sapos ou ovelhas para saber sua toxicidade para seres humanos, ele estaria hoje no lugar do suco de laranja. E nossa inofensiva salsa, se tivesse sido testada em papagaios já estava abolida das cozinhas. Se a penicilina tivesse sido testada pela primeira vez em porquinhos-da-Índia ou em gatos, hoje jamais conheceríamos o antibiótico. Para testar os efeitos do ópio em seres humanos seria um bom modelo usar o porco-espinho? Ele pode consumir de uma vez a quantidade para chapar um homem por duas semanas seguidas, mas com ele não acontece nada.

A botulina seria inofensiva para o homem se tivéssemos o metabolismo de um gato; e a estrequinina também, se tivéssemos o metabolismo de uma cobaia, uma galinha ou um macaco; a cicuta seria segura, se tivéssemos o metabolismo das ovelhas, cabras e cavalos; o metanol seria uma bebida servida em qualquer boteco, se confiássemos em seus efeitos em qualquer animal de laboratório; o arsênio seria servido à vontade como complemento mineral se acreditássemos em seus efeitos seguros em ovelhas, ratos e camundongos. Se a aspirina tivesse sido testada em gatos, hoje não a conheceríamos; os testes nutricionais não revelariam a essencialidade da vitamina C para o homem, se os resultados obtidos de cães, gatos, ratos, camundongos ou hamsters tivessem sido relevados. O clorafenicol danifica a medula do homem mas não de outros animais. A velocidade e padrões de metabolismo são essencialmente diferentes.

Se um animal metaboliza uma droga mais rápido que um homem, estará mais rapidamente livre de seus efeitos de exposição prolongada. O tempo para que o remédio para artrite Orflex fosse eliminado do sangue de pacientes idosos é muito maior do que em ratos. Mostrou-se perigoso para idosos apesar de seguro para animais de laboratório

Fora os efeitos antagônicos que ocorrem de espécie para espécie, e que atrasam todo o andamento da ciência: A dedaleira (uma planta medicinal utilizada para problemas cardíacos, já conhecida por nossos avós) deixou de ser utilizada por anos porque mostrou que tinha efeito inverso ao esperado quando testada em cães, elevava sua pressão sanguínea. O amilnitrato nos cães eleva sua pressão interna no olho, no homem ele abaixa. A novalgina anestesia seres humanos, mas causa excitação nos gatos (o bichinho espuma como se tivesse raiva). A morfina é sedativa para humanos mas é estimulante para cavalos, gatos e cabras. O ácido orótico pode curar o fígado humano, mas em ratos causa depósito de gordura no órgão. A clorpromazina danifica o fígado humano, mas não tem qualquer ação no fígado de animais. Se a cicloserina (um remédio para tuberculose) tivesse sido testada em ratos e cobaias, jamais teria sido posta no mercado. A insulina em galinhas, coelhos e ratos causa deformação, em humanos também é prejudicial, mas apenas a longo prazo, e os efeitos são distintos. O metil fluoracetato é considerado tóxico para todos os mamíferos, mas o rato pode tolerá-lo em uma dose 40 vezes maior que a dose letal para um cão...Mas e o homem? Reage como um cão ou como um rato?

VOCÊ É UM HOMEM OU UM RATO?

Quando queremos extrapolar de animais para humanos, podemos conhecer algumas semelhanças, que são na realidade paralelos, mas ignoramos as variáveis que são as diferenças, e na realidade, o que mais importa. Notem que peguei apenas alguns exemplos; eu poderia viver a vida toda citando casos e mais casos, mas vocês não teriam paciência de ler nem eu de escrever. Mas por que são tantos os casos? Eles não são apenas “tantos”, são a maioria; raro quando encontra-se uma semelhança entre organismos. Um estudo comparativo de 23 substâncias químicas mostra o quão sério é este problema: em apenas 4 casos ratos e homens metabolizaram pela mesma via bioquímica (embora não na mesma velocidade). Ainda assim, os ratos são os principais modelos utilizados na bioquímica, fisiologia, toxicologia, parasitologia, etc., etc.

Querem extrapolar do rato para o homem? Então tentem extrapolar do rato para o camundongo e todos verão do que estou falando, é ruim que dê certo. Se são animais de espécies diferentes, quase sempre possuem vias metabólicas diferentes; diferenças metabólicas não são difíceis de encontrar nem mesmo dentro de uma mesma espécie. Um rato pode metabolizar uma droga útil para o homem em substância tóxica, enquanto que o homem a metabolizaria esta em subprodutos inócuos. Esta droga deixaria então de ser fornecida para pacientes humanos que realmente necessitassem desta? E se o contrário ocorresse? Um rato sobrevive a uma droga que seria tóxica para

humanos, como ficaríamos? Daí vem a pergunta que está na cabeça de todos: Se não testarmos em animais, testaremos em que?

Primeiramente algumas pesquisas não tem alternativa, e nem poderiam: Por exemplo, se quisermos estabelecer a permeabilidade da membrana do ânus do ornitorrinco, o único modelo que eu poderia pensar em usar é o próprio ornitorrinco. Mas que grande descoberta científica pode derivar desta pesquisa? Esta na cara que é uma pesquisa para dar continuidade a um financiamento, não intenciona trazer benefícios a ninguém, nem homens nem ornitorrincos; e se a desculpa para que se proceda experimentos com animais sempre foi a de que estes trazem benefícios para a humanidade, estas pesquisas não poderiam existir por mera coerência. Estas pesquisas visam apenas produzir resultados para publicação, são lidas por no máximo 3 pessoas em todo o mundo, e terminam esquecidas em alguma prateleira. Discuto aqui apenas as pesquisas que servem para alguma coisa, sejam elas básicas ou aplicadas.

Não gosto do nome “alternativas” porque ele vem sendo usado para promover a “alternância” de experimentos com animais e experimentos com métodos mais científicos. É a nova falácia do biotério, os 3Rs, dizer que estão promovendo o refinamento de técnicas que usam animais, reduzindo seu número e quando possível, usando modelos substitutos. É para calar a boca de quem se opõe a esta sujeira. Mesmo assim, o modelo substituto do cão tende a ser o rato, o que não resolve o problema. Métodos substitutos não devem ser outros animais, mas sim simuladores que realmente simulem as funções humanas. Muitos diriam que o uso de simuladores (como os produzidos pela Physiome) não é confiável, que o treinamento deve ser realizado em sistemas vivos, porque apenas eles são capazes de morrer caso cometamos algum erro: “Você confiaria seu filho nas mãos de um cirurgião que até então só haja treinado em simuladores, que nunca tenha operado um ser vivo?” costumam perguntar os defensores da experimentação em animais; Mas eles confiariam seus filhos nas mãos de um cirurgião que só tenha até então operado em cães? Você voaria em um avião onde o piloto tenha treinado até então em bicicletas ou em simuladores de vôo? A bicicleta, apesar de ser um meio de transporte como o avião, é bem diferente deste; já o simulador de vôos não é um meio de transporte, mas é uma criação humana idealizada para expor o futuro piloto a todas as variáveis que podem ocorrer em um vôo.

Ainda assim, não será nem aprendendo em animais nem em simuladores que o cirurgião já sairá operando (assim como o piloto não acaba seu treino no simulador e sai pilotando aviões); a aprendizagem concreta só ocorrerá quando o cirurgião em treinamento estiver operando um paciente sofrendo do mal naturalmente, sendo acompanhado por um cirurgião experiente (são como as primeiras horas de vôo do piloto, até tirar o brevê). As descobertas de novas técnicas também só se darão nos casos de improviso, em casos reais. Os cobaias de verdade são seus verdadeiros pacientes, não os animais. Da mesma forma no teste de novas substâncias, estude-se *In vitro* ou em animais, os verdadeiros cobaias são as duas primeiras gerações que serão expostas à elas. A vantagem dos testes *In vitro* e que não produzem resultados divergentes do que ocorreria em seres humanos integrais.

Além dos simuladores physiome acima citados, os métodos substitutivos de investigação incluem uma gama de opções: A principal técnica é sem dúvida a utilização de uma combinação de testes *In vitro*, em culturas contínuas de tecidos humanos. Estes tecidos seriam retirados de biópsias, através de intervenções cirúrgicas necessárias e a partir destas células em cultura, seriam realizados os testes. Para acessar a toxicidade de substâncias, a combinação de testes *In vitro* produziria testes mais confiáveis à realidade humana do que testes em animais. As investigações clínicas são as que efetivamente trouxeram mais benefícios para os pacientes individualmente; no caso da saúde pública, o levantamento epidemiológico e sucessiva intervenção foram os métodos desde sempre mais efetivos.

Bonecos que simulam organismos vivos; modelos matemáticos e computacionais que reproduzem desde respostas fisiológicas até farmacocinéticas; construtores de imagens de raio-X tridimensionais (como o sistema CAT), que permitem o estudo não invasivo de seres humanos. Imagens de ressonância magnética que permitem o exame do cérebro humano em funcionamento, bem como o monitoramento do fluxo sanguíneo em todo o corpo. Tomógrafos emissores de fótons (ex.: SPECT) e de positrons (ex.: PET) permitem o estudo não invasivo de pessoas sofrendo do Mal de Parkinson, Mal de Alzheimer, doença de Huntington, doenças cerebrovasculares e distúrbios psiquiátricos. A cromatografia e espectrografia de massa podem detectar a trajetória de drogas e seus danos aos seres humanos. Diversos kits comerciais estão disponíveis no mercado para substituir animais nos testes de irritação dérmica e ocular: O EYETEX, por exemplo, produz resultados mais confiáveis ao teste Draize onde se pinga substâncias nos olhos de coelhos, este kit faz uso de uma proteína líquida que imita a reação do olho e produz o resultado em pouco tempo. As aulas práticas em que utilizamos animais são repetitivas e não nos ensinam nada. Os resultados que obteremos são conhecidos, no entanto os professores alegam que estas aulas são importantes para a continuidade da ciência. Como? Uma apresentação em vídeo de uma aula gravada dez anos antes apresentaria os mesmos resultados. Muitas são as técnicas que estão disponíveis para substituir animais nas pesquisas, basta que elas sejam validadas por quem menos se interessa que isto ocorra – a indústria da vivisseção.

E que indústria é esta? É o negócio mais lucrativo do mundo: Envolve centros criadores de animais, fabricantes de gaiolas, aparelhos de contenção, rações balanceadas, centros de pesquisa e é claro, fabricantes de remédios. A experimentação animal é um grande lobby do qual fazem parte todos estes, e eles se ajudam mutuamente. Por isso é tão difícil se criticar este tipo de experimento, a ciência se tornou em algo dogmático, uma religião de fato, e aquele que a critica é um herege. Eis a resposta de porque estes experimentos continuam. E continuarão até que uma maioria se oponha a eles e estabeleça uma nova ordem.

Seres humanos são as verdadeiras cobaias de experimentos que visam atingir o mercado farmacêutico, mas os testes em animais protegem os cientistas de possíveis erros que eles venham a causar em seus pacientes. A

indústria farmacêutica utiliza a diferença entre homens e animais a seu favor: Se alguém acusar o sujeito que produziu centenas de milhares de criancinhas com atrofia de membros na década de 60 ele enche a boca e diz: “Mas procedi todos os testes em animais que eram necessários, e até alguns que não eram. Tudo indicou que a talidomida era segura.”

Uma menina de Ohio abriu processo contra uma indústria que fazia shampoos que não ardem nos olhos. Na verdade o shampoo havia corroído seus olhos. Mas todos os testes exigidos haviam sido realizados, o teste de irritação ocular (teste Draize), onde coelhinhos são amarrados em troncos por 50 dias, sem poderem mover-se enquanto substâncias são pingadas em seus olhos haviam revelado que o shampoo realmente não arderia nos olhos. Por serem os olhos dos coelhos mais sensíveis do que os olhos humanos seria de se supor que muito menos em humanos haveriam problemas de irritação ocular. Não foi o que aconteceu. O juiz absolveu a indústria mediante o argumento de que em coelhos os resultados haviam sido bons, e que devido às diferenças entre espécies, os dados não poderiam ter sido extrapolados. Uma mulher tentou processar uma indústria farmacêutica que vendia um remédio que lhe causou paralisia e danos na vista, ainda que conhecendo seus efeitos colaterais em animais a mais de 20 anos: O remédio havia danificado a vista de coelhos, havia cegado e matado cordeiros e ovelhas adultas e havia matado ou paralisado cães. Esta empresa também foi absolvida porque seus advogados argumentaram que nenhum destes experimentos era relevante para a saúde humana. ENTÃO PORQUE RAIOS ELES REALIZAM ESTES TESTES?

Só mais um caso que achei engraçadinho: As indústrias tabaquistas por mais de 30 anos souberam dos efeitos do alcatrão e da nicotina nos pulmões de animais (muitos deles, aliás, nem são tão afetados quanto são os humanos). Em entrevista para o Wall Street Journal e ao The Economist, o Sr. Kinsey Dey (presidente de uma destas empresas) argumentava sobre os experimentos por ele recomendados:

Dey – “Pretendiam reduzir os tumores de pulmão causados pelo fumo em ratos!”

Journal – “ Não teria nada a ver com a saúde ou o bem estar humanos, teria?”

Dey – “Não, isso não”

Journal – “Quanto custou o experimento?”

Dey – “Possivelmente mais de 15 milhões de dólares”

Só não consigo entender o amor que este homem tem pelos animais, investindo mais de \$15.000.000,00 para curar ratos viciados em cigarros (aliás, nunca vi um rato fumar por espontânea vontade).

Remédios são lançados no mercado, aprovados em testes com animais e depois de causar danos em pacientes reais eles são recolhidos das prateleiras. Assim é que surgem as novas doenças: Doenças que não existiam, ou que existiam em baixa escala antes da introdução de uma droga no mercado; são as doenças iatrogênicas, e são mais abundantes do que pensamos. Quarenta por cento dos pacientes que tomam um remédio seguindo receita médica podem sofrer efeitos secundários graves ou ao menos notáveis. Por

outro lado, alguns autores argumentam (Casseb e Ortiz Netto, quem quiser pega na biblioteca do IB) que 80% dos remédios que estão no mercado são completamente desnecessários. A indústria da vivisseção causa os males da humanidade, para assim dar continuidade às suas atividades.

Os maiores progressos em saúde coletiva se deram através de sucessivas mudanças no estilo de vida das populações; estas mesmas mudanças no estilo de vida produziram novos problemas antes menos freqüentes. Parece haver uma relação íntima entre nossa saúde e o estilo de vida que levamos. Estilo de vida ruim, saúde ruim; estilo de vida bom, saúde boa. Parece que a cura para todos os males da humanidade está em nosso estilo de vida, não depende de como andam as pesquisas científicas. Até mesmo as doenças consideradas genéticas ou inatas derivam de imperfeições no estilo de vida de nossos pais (ou nossos quando pequenos) – conforme mostram várias pesquisas.

Bom, o que estou escrevendo aqui, para vocês, colegas de faculdade, parece novidades para muitos, mas não é nada novo. Vejam o que cientistas reconhecidos disseram sobre a vivisseção em todo o mundo:

- “Normalmente os testes em animais não são apenas falhos no que diz respeito à segurança dos medicamentos, mas tem um efeito totalmente contrário” (Prof. Dr. Kurt Finckentscher, Pharmacological Institute of the University of Bonn).
- “Realmente, não existe uma base lógica em transcrever os resultados de animais para homens” (Dr. L. Goldberg, Karolinska Institute, Stockolm)
- “A vivisseção é um método bárbaro, sem utilidade e um obstáculo ao progresso científico” (Dr. Med. Werner Hartinger, cirurgião chefe, durante o 3º Congresso Internacional de Médicos pela Abolição da Vivisseção, Holanda)
- “Com respeito ao seu valor científico, os testes de medicamentos com animais têm permanecido totalmente infrutíferos no tratamento de doenças, e o médico praticamente não têm aprendido nada útil para seus pacientes, que já não soubesse 50 anos atrás” (Prof.Dr. Felix Von Ntemeyer, “Handbuch der praktischen medizin”)
- “A descoberta de anestésicos não tem nada a ver com a experimentação animal” (Relatório da Royal Commission on Vivisection, 1912).
- “Eu nunca conheci um único bom cirurgião que tenha aprendido algo através da vivisseção” (Dr. Abel Desjardins, Presidente da Sociedade dos Cirurgiões de Paris, professor de cirurgia e cirurgião mais importante de seu tempo na França)
- “Minha convicção pessoal é que a fisiologia humana através da experimentação animal é o mais grotesco e fantástico erro já cometido em todo o âmbito da atividade intelectual humana” (Dr. G.F.Walker, Medical World, Dec.8, 1933)
- “A energia e o tempo perdido sobre linhas modernas de pesquisa do câncer são grandiosamente deploráveis. Nós lamentamos bastante que muitos pesquisadores capazes são induzidos na crença de que a causa e a cura do câncer será descoberta pela experimentação animal” (Medical Times, Jan 1936)
- “Com o passar dos anos, o câncer parece haver aumentado. A procura da causa tem até agora resultados muito pobres, grandemente devido ao fato de

que a pesquisa do câncer tem sido e é conduzida com animais de laboratório”(Medical Review, Feb. 1951)

- “A loucura de encontrar ações de drogas em experimentação animal não pode ser enfatizada “ (Editorial, Medical Review, Set.1953)

- “Não é possível aplicar no ser humano informação experimental derivada da indução de câncer em animais” (Dr. Kennedy Starr, Diretor honorário da unidade especial para investigação e tratamento do câncer no New South Wales Cancer Council, Sydney Morning Herald, Abr. 7, 1960)

- “Nós somos aprendizes primordiais, principalmente no campo da pesquisa. Nós nos orgulhamos por descobertas que nos envenenam. Eu acho que as gerações futuras precisarão de muito tempo e coragem para se livrar das desastrosas conseqüências da nossas pesquisas” (Prof Pierre Lépine, Chefe do Departamento de Bacteriologia do Instituto Pasteur, no French daily Alsace, Mar. 17, 1967).

- “Na prática, toda a experimentação animal é cientificamente indefensável, pois lhe falta validade e confiabilidade com relação à espécie humana. A experimentação animal é um alibi para os fabricantes de drogas, que protegem a si mesmos dessa forma” (Dr. H. Stiller and Dr. M. Stiller, na Tierversuch und Tierexperimentator (Pesquisador e Experimentador Animal), Hirshammer Verlag, Munich, 1976)

- “A experimentação animal deveria ser proibida em todos os lugares” (Dr. Julius Hackethal, conhecido cirurgião alemão e autor de diversos livros, em entrevista para Die Zeit, Out. 13, 1978)

- “Como um especialista em câncer engajado na prática clínica, eu não posso concordar com os pesquisadores que acreditam que os resultados obtidos com animais de laboratório são aplicáveis na espécie humana” (Prof.Dr. Heins Oeser, em entrevista para o semanário alemão Quick, Mar. 15, 1979)

- “Hoje a medicina inteira esta dominada, praticamente aterrorizada, pela ciência analítica. Suas pesquisas médicas não tem mais nada a fazer pela saúde. A eliminação dos sintomas estão sendo mal representados pela restauração da saúde, mas ao contrário prejudica e impede a verdadeira sanidade. Uma criança na qual a febre tenha sido precipitadamente eliminada pelo uso de antibióticos está mais doente que antes, se torna suscetível a doença, cronicamente debilitada. A ciência analítica tem formado doutores os quais as faculdades mentais não vão além do princípio de que $2 + 2 = 4$. Eles são cegos para observações elementares, as quais desprezam como ‘subjetivo’. Esta atitude ignorante é também responsável pela revoltante prática da experimentação animal, a qual é um sinal de inadequabilidade mental” (Prof Dr. Helmut Monnsen, pediatra em Frankfurt, Alemanha, no Civis-schweiz Aktwell, Zurich, Dez. 1980)

- “Eu desisti da vacina anti-pólio quando Jonas Salk me mostrou que a melhor maneira de pegar pólio nos EUA era ficar perto de uma criança recém vacinada pela vacina Sabin” (Prof. Robert S. Mendelssohn, The People’s Doctor, Evanston, Illinois, 1984, vol.8, nº12)

- “Hoje, nos EUA, a única causa da pólio é a vacina oral anti-pólio, rotineiramente administrada em bebês, na luta da sociedade para livrar a nação

da doença” (Bill Curry, Los Angeles Times Staff Writer, no artigo ‘A Guerra da Pólio – Controvérsia Renovada’, L.A. Times, Jun.1, 1985).